

SAPATÃO E PROFESSORA: UMA ANÁLISE SOBRE IDENTIDADE DOCENTE DESFEMINILIZADA

LARISSA PINTO MARTINS¹; SANDRO BORTOLAZZO²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – larissapmartins@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sandrobortolazzo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Inscrita nas discussões sobre lesbianidades e performance de gênero, os termos ‘sapatão’ e ‘desfem’ emergem como marcadores políticos e identitários, que foram historicamente ressignificados para um posicionamento político de empoderamento pelo movimento lésbico. Este estudo, de caráter analítico e exploratório, é parte de uma pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, no qual busca compreender como a identidade de professoras lésbicas desfeminizadas (desfem) são construídas e representadas no contexto escolar. O referencial teórico está situado no campo dos Estudos Lésbicos, sendo fundamentado nos conceitos de heterossexualidade compulsória (RICH, 2010), heterossexualidade obrigatória (WITTIG, 2006), e da performatividade de gênero (BUTLER, 2016). Além disso, apoia-se nos Estudos Culturais, especialmente nos conceitos de representação e identidades desenvolvidos por Kathryn Woodward (2000).

Refletindo sobre a construção do espaço educacional, LOURO (1997) argumenta que há um imaginário popular de que a escola é feminina, ou seja, é um lugar de atuação de mulheres. Para a autora, esta feminização da docência advém da ideia patriarcal sobre o papel da mulher na sociedade, como sendo destinada ao cuidado, à delicadeza e ao carinho maternal sobre crianças e adolescentes. Neste sentido, quem melhor para educar crianças e adolescentes senão o padrão da mulher cisheteronormativa?

Segundo MACIEL (2014, p. 17), “o modo de ser das professoras foi e ainda está ancorado/marcado por esse modelo de pensamento que vê o sexo como um ideal regulatório que determina, demarca, diferencia e regula a forma como os sujeitos devem viver sua corporeidade”. Esse modelo de pensamento, que estabelece normas sobre como os sujeitos devem viver suas corporeidades, implica não apenas na formação de identidades, mas também na marginalização daquelas que não se encaixam nos padrões tradicionais. Assim, as professoras lésbicas, principalmente as desfem, acabam por não serem reconhecidas ou, por vezes, tendo sua docência deslegitimada, justamente por romperem com a heterossexualidade compulsória que coloca às mulheres a naturalização dos cuidados maternos (RICH, 2010). Tal afirmação torna-se ainda mais evidente ao analisarmos as diversas produções acadêmicas acerca da docência lésbica e, mais ainda, ao perceber a ausência de pesquisas com professoras lésbicas desfeminizadas. Esta carência pode estar ligada ao que RICH (2010) designa de heterossexualidade compulsória e, quando se trata de lésbicas desfeminizadas, o apagamento é ainda maior.

A desfeminilidade não se trata de uma imitação dos homens, e sim, de uma performatividade de gênero que rompe com a heteronormatividade esperada de uma mulher. Ao pensar o gênero como uma performatividade, BUTLER (2016) declara que este é refletido na superfície dos corpos através de atos, gestos e desejos, baseados em um princípio organizador que tem a identidade como

causa. Partindo da identidade, a performance de gênero vai se produzindo através de signos corpóreos, e outros meios discursivos.

HALBERSTAM (2008), ao analisar as lésbicas desfem, vai teorizar sobre uma “masculinidade feminina”, que seria uma masculinidade alternativa à hegemônica, ou seja, sem homens, e que seria produzida pelos corpos de mulheres, sejam elas lésbicas ou não. Historicamente, a masculinidade em nossa sociedade está ligada a valores como poder, legitimidade, privilégios econômicos e sociais, sendo também associada ao patriarcado e controle sobre as mulheres. Para HALBERSTAM (2008), há diferentes silêncios e formas de invisibilidade em relação aos corpos de lésbicas. Enquanto algumas lésbicas se sentem cercadas de silêncio, outras se sentem expostas e hiper visibilizadas. Isso acontece pois as lésbicas desfem acabam tendo seus corpos visivelmente fora da heteronormatividade, que naturaliza a mulher com a feminilidade, sendo esta diretamente associada a construções culturais de comportamentos, aparências e expressões a serem seguidas pelas mulheres.

As concepções de feminilidade e masculinidade estão vinculadas à heterossexualidade como um regime político, assim proposto por Monique Wittig, operando como mecanismo de sustentação do patriarcado. Sob essa perspectiva, a heterossexualidade é instaurada como uma norma obrigatória que regula corpos e comportamentos, assegurando que os homens mantenham e reproduzam seu poder e controle sobre as mulheres. Seguindo a lógica da heterossexualidade obrigatória, Wittig (2006) destaca que o conceito de “mulher” foi uma criação dos homens. Dentro do regime político da heterossexualidade, os homens estabeleceram e definiram os papéis de gênero de maneira política, econômica e ideológica, consolidando assim seu domínio. No entanto, ao refletir sobre a concepção do termo “lésbica”, a autora argumenta que a identidade lésbica subverte essa estrutura, uma vez que a existência lésbica rompe com a ideia de que a mulher é definida exclusivamente em relação aos homens. Para Wittig, a lésbica não é uma “mulher” no sentido tradicional, pois ela rejeita a construção e a opressão impostas pelo regime heterossexual, desafiando, assim, a lógica patriarcal que sustenta a ideia de “mulher” como categoria subjugada.

Compreendendo a lésbica como esta ruptura da heterossexualidade, MOGROVEJO-AQUISE (2000) argumenta que o corpo, como uma construção social, foi modelado através da história, com base nos padrões estéticos masculinos e heterossexuais de cada época. Nesta perspectiva, a autora concorda com Wittig ao acreditar que as lésbicas, ao encontrarem-se fora da lógica masculina e heterossexual, constroem e vivem em um corpo de lésbicas, ou seja, um corpo político que não depende do poder econômico, político e ideológico dos homens, afinal, teve sua própria construção social estabelecido por lésbicas.

Ainda pensando o corpo como uma produção cultural, GOELLNER (2003) argumenta que “o corpo não é apenas um corpo, mas tudo aquilo que temos ao nosso redor. Sendo assim, não são, portanto, as semelhanças biológicas que os definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2003, p. 29). Esses significados culturais e sociais vão além de vestimentas, acessórios, e cortes de cabelos, mas envolvem também narrativas, representações de padrões, comportamentos e subjetividades. Nesse sentido, o corpo da lésbica desfeminizada torna-se hipervisível ao carregar em si marcadores sociais que as afastam da heteronormatividade do seu gênero e de uma performatividade esperada para mulheres cisgeneros.

Ao considerar esse corpo dentro do espaço escolar, é fundamental compreender que a prática docente dessas educadoras, independentemente de seus posicionamentos, é influenciada por sua identidade lésbica. WOODWARD (2000) afirma que as identidades são diversas e cambiantes, podendo coexistir e se manifestar de maneiras diferentes conforme o contexto social e os sistemas simbólicos que moldam as experiências individuais. Assim, uma mesma pessoa pode ter várias identidades que, em determinados momentos e ambientes, podem prevalecer de maneiras distintas. MACIEL (2014) destaca que a constituição da profissionalidade da professora lésbica é diferente da da professora heterossexual, evidenciando os desafios que essas educadoras enfrentam em um ambiente frequentemente cisheteronormativo.

2. METODOLOGIA

Este é um trabalho analítico e exploratório que, até o momento, está sendo pensado a partir de dois movimentos investigativos interligados. No primeiro movimento, a ideia é fazer uma revisão teórica e análises que trazem ao debate a identidade docente de lésbicas desfeminilizadas. O segundo movimento metodológico é o de investigar como determinados discursos e representações acabam por moldar a identidade e o fazer docente de professoras lésbicas.

Nesse momento inicial da pesquisa, optamos por utilizar da metodologia (auto)biográfica, entendendo-a, a partir de CAETANO (2016), como uma possibilidade de utilizar o discurso sobre o sujeito enquanto o centro de interesse. Ao investigar o método (auto)biográfico, NÓVOA (2010, p. 24) destaca que enquanto “investigação-formação, esse método de pesquisa permite considerar um conjunto amplo de elementos formadores”, uma vez que não há como separar o “eu” pessoal e o “eu” profissional. NÓVOA (2010) acredita que ao negar as lutas, experiências ou separar a identidade profissional da pessoal, se acaba gerando uma crise de identidade dos sujeitos. No caso deste trabalho, faz-se necessário que se compreenda por completo a interlocução entre lesbianidade, gênero e docência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que a docência do corpo lésbico não se restringe aos conteúdos programáticos de sua área de atuação, mas, ao assumir um posicionamento político da lesbianidade, a professora lésbica acaba consequentemente desestabilizando e, de alguma forma, deslocando estruturas que buscam heteronormatizar o espaço escolar. Da mesma forma, auxiliam na desconstrução de preconceitos enraizados pela heterossexualidade compulsória dentro dos espaços educativos.

Ao pesquisar nos bancos de teses e dissertações, são poucas as pesquisas envolvendo mulheres desfeminilizadas. Quanto à docência lésbica, há uma considerável produção acadêmica, principalmente pautando temáticas como representatividade, LGBTfobia, trajetórias de vida e modos de viver o gênero e sexualidade no fazer docente. Contudo, a intersecção entre docência e lesbianidade desfem é pouco explorada nas produções acadêmicas, conferindo a essa pesquisa um caráter de ineditismo e originalidade.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa, incipiente ainda, busca compreender a intersecção entre a performance de gênero, a lesbianidade e a prática docente de professoras desfeminilizadas. Portanto, com base na análise de trabalhos semelhantes, parte-se da hipótese de que o diferencial na prática das professoras lésbicas desfem reside em sua atuação como agentes de resistência e de transformação no ambiente escolar, especialmente, ao enfrentarem questões machistas, racistas, LGBTfóbicas entre outros preconceitos que se manifestam.

Para a continuidade da pesquisa, há uma proposta de compor três categorias de análise: (1) Ativismo Pedagógico, que examinará como essas professoras incorporam posicionamentos políticos em suas práticas docentes, promovendo espaços mais inclusivos e desafiando a heteronormatividade; (2) Expressão de Identidade e Corpo Desfeminilizado, que investigará como a desconstrução de marcadores de feminilidade tem implicações nas interações e na própria autoridade em sala de aula; e (3) Resistência e Enfrentamento Institucional, focando na maneira como essas docentes lidam com políticas e práticas educacionais que perpetuam preconceitos, e como elas criam estratégias de enfrentamento e diálogo para promover um ambiente mais diverso. Essas categorias, assim como outras, podem permitir deslocamentos e compreensões mais plurais sobre as experiências de professoras lésbicas desfeminilizadas nos ambientes escolares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CAETANO, Marcio. **Performatividades Reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação**. Curitiba: Appris, 2016.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. (In:) GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, v. 9, p. 30-42, 2003.
- HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad femenina**. Barcelona: Egales, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e Professoras: Modos de viver o Gênero na Docência**. 2014. 178f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- MOGROVEJO AQUISE, Norma. **Un amor que se atrevió a decir su nombre: la lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homosexual y feminista en América Latina**. Plaza y Valdés, 2000.
- NÓVOA, Antonio. **O método(auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas, v. 4, n. 05, 2010.
- WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid, Editorial Egales. 2006.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.